

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscree-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anuncios, 20 réis por linha — Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 115

SEXTA-FEIRA 8 DE AGOSTO DE 1862

SEGUNDO ANNO

EXPEDIENTE

A administração deste jornal roga aos srs. assignantes, cujas assignaturas findaram em 30 de junho ultimo, e que ainda se acham em divida, se dignem mandar satisfazer seus debitos, ou em vales do correio, ou como melhor lhes convier.

AVEIRO

Recios de crise alimenticia tem chegado a todo o paiz, e estão merecendo a attenção do governo.

A escassa colheita, que na maior parte dos terrenos acabou de fazer-se, e o máo aspecto das searas pendentes, tem originado aquelles sustos; e sobre tudo a razão da alta de preços dos cereaes, natural consequencia daquelle escasez.

Para que este assumpto seja de muito alta importancia basta só considerar, que elle resume o alimento principal de todas as classes, e não esquecer os transtornos da ordem publica, que costumam trazer as crises alimenticias, quando opportunamente se não empregam os meios convenientes para modificá-las, se de todo se não podem extinguir.

Ainda que a elevação dos preços não seja em these argumentos irrefragavel da approximação das crises, porque não poucas vezes succede aquelle fenomeno por motivos muito alheios á escassez dos generos, visto que elle principalmente é dependente da escassez da offerta, que não raro deixa de estar em desproporção com a verdadeira existencia dos mesmos generos, todavia, quando extra-normalmente sobem os preços, é indispensavel que os governos investiguem as causas desta subida, para se precatarem a tempo, se por ventura ellas não forem accidentaes, mas de verdadeira e permanente razão de ser.

Eis ali o que acaba de fazer o nosso governo.

Sabendo, como devia saber, pelos seus funcionarios administrativos o resultado das colheitas de todos os districtos, e não menos o aspecto das searas pendentes, mandou perguntar a todos os conselhos de districto, se em cada um a colheita do presente anno daria cereaes que bastassem para o seu consumo, se precisava de importar alguns, ou se teria sobras para exportar.

O governo não pôde ter confiança nas estatisticas de produção, que lhe ministram os seus funcionarios administrativos, porque é tal o desmazelo com que procedem quasi todos a estes trabalhos, que o resultado que asseveram

FOLHETIM

A carta que se vae ler é do meu particular amigo Lucio Augusto da Silva, distincto medico, que é actualmente phisico-mór em Macau; offerecendo-a aos leitores do *Districto de Aveiro*, intendo que lhes proporcione alguns minutos de agradável leitura, porque o meu bom amigo descreve descriptivamente muitos dos costumes chinezes. Saiba a leitora (eu dirijo-me sempre ás leitoras por motivo desta minha irresistivel tendencia para o sexo fragil), saiba pois a leitora, que o doutor Lucio, é homem que nunca mentiu, nem tenciona mentir!!! Ponho aqui trez pontos de admiracção, e diga-se a verdade, se em vez de fallar do doutor Lucio eu fallasse d'alguma graciosa filha de Eva, poria neste caso pelo menos cincoenta sinceros pontos de admiracção.

Lisboa 3 d'agosto.

Manoel Roussado.

Macau 27 de março de 1862.

Meu caro Manoel Roussado.

Acho-me na China. E digo-te isto depois de encher e evacuar em seguida os pulmões de uma boa columna de ar, como quem acaba um trabalho longo e penoso. Nesta viagem pelo istmo de Suez, o passageiro, entregue á Companhia Peninsular Oriental, não é senhor de si. Por terra, no Egypto, torna-se um verdadeiro judeu errante pela maneira como o impellem para a frente, e pelo mar chega a ser arrumado nos barcos a vapor como se fosse um objecto da carga do navio, perdendo assim a sua prerogativa de pessoa.

está por via de regra em muita distancia da verdade. Contentam-se com chamar perante si os informadores, e repetem sempre o que estes lhes asseguram. Os informadores são quasi sempre escolhidos da classe dos cultivadores da terra, e todos sabem a propensão que elles tem para occultar as verdadeiras produções agricolas, com o recio de que lhes augmentem os impostos.

Bastava só esta razão, e a insufficiencia da alta dos preços, para que o governo se não julgasse bem habilitado para conhecer o verdadeiro estado da produção de cereaes no presente anno.

Os clamores da imprensa tambem não davam a justa medida da produção.

Interrogou pois os conselhos de districto.

Sabemos pela imprensa que a maior parte delles respondera que nos seus respectivos territorios não havia produção dos cereaes necessarios para o consumo, e que indicaram a conveniencia, se não foi a necessidade, de importar cereaes estrangeiros.

O nosso conselho de districto d'Aveiro não respondeu assim. Disse que a colheita dos pães colmiferos tinha sido no presente anno em quasi todas as terras deste districto, e a respeito de quasi todos os pães, muito menos de mediana, mas que todavia entendia que ainda assim esta produção era sufficiente para o consumo d'este districto, que se alimentava principalmente com pão de milho. Porém que verosivelmente o districto d'Aveiro não teria sobras d'aquelles pães, afim de que podesse exportar para outros districtos os productos que saham nos annos de colheita regular.

A conclusão natural d'esta asserção era que o districto d'Aveiro não tinha precisão de importar para seu consumo pão colmifero.

Foi esta a resposta do conselho de districto.

Quando ás searas do milho que ainda se acham pendentes, respondeu o conselho que as das terras altas tinham aspecto inferior ao medio de cada anno, e que quanto ás das terras baixas não podia formar juizo, porque, sendo aliás bom o seu aspecto, podiam, até ao sazouamento dos fructos, soffrer taes alterações, por se achar ainda tenra a planta, que mal podia prever-se a sua produção. E concluiu o conselho de districto em sua resposta, que em quanto se não fizessem, ou se avisinhassem mais as colheitas dos milhos, não podia responder ao quesito que o governo lhe propoz sobre a falta, ou sufficiencia de milho para o consumo do districto d'Aveiro.

Parce que o modo porque o conselho de districto satisfez ás perguntas do governo causara surpresas, porque alguns jornaes, principalmente do Porto, mostram espanto pela discordancia com as respostas dos outros districtos do reino, in-

Estou contudo em Macau. A cidade agrada-me pelo seu risonho aspecto vista de perto, pelas suas muitas casas cuidadosamente elegantes e acceadas, pelos seus morros, em cada um dos quaes se distingue uma fortaleza ou um forte, e por mil outras curiosidades.

Poucos dias depois d'aqui chegar fui convidado por um cavalheiro, muito digno, para jantar em companhia de sua familia no *culau*, isto é, n'uma casa de pasto chinesa. Algumas familias macaenses, que vivem á europea e bem, procuram ás vezes esta diversão. Vou contar-te o jantar.

As quatro horas da tarde fui conduzido ao Bazar, que é um bairro todo occupado por chins, de ruas estreitas, onde se vende uma infinidade de cousas, e onde os viandantes se acotovellam uns aos outros — tal é sempre ali a affluencia de gente. Parei a uma larga porta, do alto da qual pendiam trez grandes lampões, ou baldes feitos de um tecido transparente, gommado e luzidio, com desenhos de cores mui vivas. Vêem-se destes baldes, que illuminam de noite, nas portas e janelas de todas as casas dos chins, o que produz nas ruas do Bazar um effeito admiravel. Juntando a isto as luzes do interior das lojas, o borbo-rinho do povo, o pregão dos vendilhões, e a musica chinesa que se ouve em algumas casas acompanhando o canto das tentadoras *Louquis*, parece que se está no Bazar em uma eterna festa, como era a primavera na ilha de Calypso.

Entrando a porta de que fallei, subi uma escaçosa escada que me ficava em frente, e dirigi-me para a sala do jantar, onde estava já a familia do cavalheiro por quem fui convidado. Eram doze pessoas, sendo seis senhoras.

dicadoras da necessidade da importação de cereaes.

Entendemos que o conselho de districto respondeu como lhe cumpria, porque não só disse a verdade, senão que não foi além dos quesitos, nem podia estar habilitado para responder exorbitando a esphera d'elles.

O governo sabe que cada conselho de districto não pode informar ao certo da produção de todos os do reino, nem da mingoa ou abastança de cereaes que em cada um delles possa haver.

Neste pre-supposto formulou os quesitos, porque não interrogou senão sobre a produção, e necessidades de cada um districto. E' pois evidente que de cada um se deve dizer ao governo se ha sufficiencia de pão para consumo, se ha faltas que tenham de supprir-se com importações, ou se ha sobejas, e em que porção, que possam exportar-se para outros districtos.

Bem podem pois alguns districtos dizer que tem sobras, e haver-se mister importação geral no paiz, porque a falta dos outros pode ser superior áquellas.

Não admira que o districto d'Aveiro, em um anno de colheita escassa de trigo, produza o grão sufficiente para o seu consumo; porque não é este o pão que serve de alimento commum, e tambem porque é grande a cultura que aqui se faz deste cereal.

Nos annos de produção regular a maior parte do nosso trigo exporta-se para fóra do districto. Quasi todos os nossos trigos tremozes vão abastecer os mercados de Coimbra e outros; os gallegos tem na praça de Estarreja, e em muitas outras, continuada procura para fóra do nosso districto. Até para os portos do Algarve tem salido em navios o nosso trigo. Resulta pois que o consumo deste producto é pequeno no districto d'Aveiro, e muito inferior á cultura que delle se faz. Nem é por isso necessaria uma produção média para que se possa exportar muito.

Não deve pois espantar que em annos de má colheita o districto produza trigo para seu consumo, que já muito escassa deve ella ser, quando não pode ter sobejas para fornecer os outros districtos.

Julgamos pois que, não tendo havido no nosso districto grande esterelidade na colheita de trigo no presente anno, podendo bem calcular se em dois terços da colheita media, o conselho de districto não andaria muito distante da verdade, respondendo ao governo que a nossa produção era bastante para o nosso consumo, sem poder assegurar sobras que podessem exportar-se para outros.

Mas a altura do preço em que se conserva o genero no districto d'Aveiro, do mesmo modo que nos outros, será argumento que contradiz as verdades que asseveramos?

As paredes da sala eram guarnecidas de algumas painzengas, e de longos paineis que desciam perpendicularmente desde o tecto até a altura de dois metros do sobrado, tendo a largura de trez decimetros, pouco mais ou menos, e contendo uma ou duas ordens de caracteres chinezes de alto a baixo que é como os chins escrevem. Todas as casas tem destes paineis. Que significam estas letras? — perguntei eu a um chim. *Bom palavra, senhor, bom palavra* — me respondeu elle. Eram maximas moraes de Confucio e seus discipulos, e de outros philosophos que seguiram as suas doutrinas.

No meio da sala estavam cinco mesas, pequenas, quadradas, mui polidas, sem toalha, juntas e collocadas umas apoz outras, tendo no centro, ao comprido, uma serie de pequenos pratos contendo conservas de varias qualidades e exquisitas. Cada pessoa tinha diante de si, á mesa, um quadrado de papel amarello, fino e flexivel, de trez a quatro decimetros de diametro, e que fazia as vezes de toalha. Sobre este papel ficava o prato do tamanho dos nossos pires, e aos lodos uma pequena colher de louça, uma conchasinha de cristal para o vinho, duas varinhas que serviam para apanhar e levar a comida á bocca, e outro pedaço do mesmo papel com as honras de guardanapo, frequentemente inutilizado e substituido.

A comida, que veio para a mesa a pouco e pouco em pequenas tigellas, e reduzida a bocados, consistia no seguinte: — codornizes, caranguejo com ovos, *manduco* (rãs), *bicho do mar* (*asterias*, *estrella do mar*), ninho de passaro, adem, carne de porco, arroz etc., tudo guisado de mistura com olhos de bambú. — Achei estes

A arguição é de uma futilidade visivel. Como não ha prohibição de se transportar o genero de um districto para o outro, e como o commercio se occupa constantemente n'estes transportes, uma vez que a differença do preço, ou antes o lucro, a isso o convida, é evidente que os preços tendem sempre para o seu nivelamento.

Só isso explica que os commerciantes nos levam para outros districtos, onde ha carestia, o que entrava no nosso orçamento de alimentação.

Mas o governo não perguntou se não a produção do districto, e se esta era sufficiente para as sementes.

E' claro pois que só lemitando se os districtos do reino a informar o governo com relação á sua produção, e necessidades, sem emaranhar-se em juizos, por via de regra mal basados, sobre a produção, e necessidades geraes de todo o paiz, é que elle poderá em vista de todas as respostas parciais, e seus resultados, calcular, e concluir com mais approximação da verdade, se o paiz produziu o que é necessario para o seu consumo, ou se é preciso que elle importe pão estrangeiro.

Fazemos votos por que o governo dê a este assumpto das subsistencias publicas toda a consideração que elle merece; assumpto que tanto mais carece ser meditado, quanto elle prende immediatamente com a nossa agricultura, que, no estado em que se acha, pode ser gravemente affectada e comprometida, se, sem causa mui justa, com mal avisada introdução dos cereaes estrangeiros, se vir obrigada a vender os seus productos por taes preços, que não lhes cubram as despesas da produção.

Os acontecimentos de Sevêr do Vouga tem chamado a attenção d'alguns dos nossos collegas, e são proprios para isso.

E' realmente para admirar a insistencia com que entre aquelles povos se pertende indispôr o proprietario das minas do Bragal, representando-lhes o fumo da fundição que ali se acha estabelecida como nocivo aos vinhedos. Não é já um perconceito, é uma teima cuja origem é talvez mais maldosa do que insana, e que tem por fito a destruição daquelle laborioso estabelecimento.

Dizemol-o com franqueza: estamos convencidos que uma auctoridade dotada d'alguma energia e que soubesse fazer-se respeitar, tinha observado a todos os excessos. Mas em quanto o seu procedimento se limitar a mandar para ali destacamentos, cremos que pouco poderá conseguir.

O destacamento que foi desta cidade ainda não voltou. De Vizeu, consta-nos, que foi para lá mandada uma forte força do 14. Deste modo terão de organizar ali uma guarnição permanente.

pratos saborosos. O ninho de passaro é uma porção de fios delgados e transparentes, o bicho do mar assemelha-se ao guisado de mão de vacca, e a carne do manduco é tenra e gostosa. Os vinhos, que achei máos, eram de fructas; vieram em pequenos bules de estanho e quentes, segundo o costume.

Seguiu-se a sobremesa composta de varios doces chinezes, cujos nomes nada te importam, e eu mesmo não sei; alguns não eram máos. De fructas, só tivemos a laranja, porque não é esta a epoca dellas. No fim appareceu o competente chá sem assucar em pequenas taças assentes em pés de metal, e pevides de melancia.

Devo dizer-te que foram levados para o *culau* guardanapos, talheres, copos, vinhos europeus etc., mas eu e alguns outros jantámos completamente á chineza. Custou-me ao principio apanhar a comida com as duas varinhas, mas a final já me servia soffrivelmente sem provocar o riso aos professos.

Na retirada entrámos em casa do sr. Toncyk, rico negociante chim da cidade, onde nos foi offerecido o infallivel chá, que está sempre prompto. E' claro que não vimos senão o anafado e attencioso dono da casa, porque as mulheres não apparecem, nem mesmo ás nossas damas se não a pedido, e por bem rara excepção.

Ahi tens o meu jantar. Se estas particularidades da China te entretem, escrever-te-hei mais vezes fallando nellas.

Adeus. Recommenda-me ao nosso Julio Cesar Machado, e dispõe com franqueza do teu

Am.º sincero e obrigado

Lucio Augusto da Silva.

S. A. R. A SENHORA D. MARIA PIA PRINCEZA DE ITALIA.

Tarefa difficil sempre é fallar acerca de príncipes; difficillima quando a consciencia do escriptor lhe não consente tecer elogios; muito mais difficil talvez quando o louvor é merecido. Póde parecer lisonja o que não é senão a sincera expressão da verdade e da convicção de quem falla.

No caso presente, porém, dissipam-me os escrúpulos, recordando-me que todos poderão avaliar dentro em pouco, se me deixei deslumbrar pela magestade do solio, se a consciencia se me offuscou diante do brilho da coroa. Atravesso-me a dizer que haverá talvez quem me accuse de ter ficado aquem da verdade, mas que ninguém me accusará de ter passado além. Pertencemos, louvado Deus, a uma época em que a verdade e só a verdade se deve aos reis. Assim como sabemos dizer-l'ha, assim elles a sabem escutar.

Não pretendo considerar o casamento de el-rei pelo lado politico. Já se tem fallado muito neste assumpto Euxerga-o cada, qual de um modo diferente. Exaltado por uns como sendo de suprema conveniencia, tenho ouvido outros taxal-o de inepto e mesmo de perigozo.

Parece-me que ha exaggeração d'ambos os lados. Ha politicos que discutem hoje com argumentos de outra epocha, excellentes talvez quando foram descobertos, mas que ficaram sendo de nenhum valor, mudado o ambiente em que se passaram os factos, aos quaes eram então applicados.

A importancia politica dos casamentos reaes é hoje muito diferente do que era outr'ora. Podem os soberanos contrahir alianças, estreitar entre si os laços de parentesco, trocar príncipas; nada vale se as nações a cujos destinos presidem não forem tambem unidas entre si pela communhão de ideias, de tendencias, de regimens e interesses. Não ha tratados que substituam esta fraternidade. E' porque esta é um facto natural, regular, filho das conveniencias bem entendidas das nações. Os tratados eram muitas vezes artificiaes. Representavam mais a afflicção dos príncipes que os firmavam, do que os interesses das nações em prol das quaes se queria inculcar que eram celebrados.

Out'ora o que determinava a escolha da esposa para o rei era a conveniencia politica verdadeira ou falsa daquelle enlace. Hoje pode entrar no calculo outro elemento; póde o coração ser consultado. Hoje não basta dizer se a futura rainha é rica ou poderosa; devemos perguntar principalmente se é boa, se saberá assegurar a felicidade domestica de seu augusto esposo, educar bem a seus filhos, ser espelho de virtudes, exemplar para todos os seus subditos.

E' por este lado que me parece se deve encarar o casamento d'el-rei.

Nasceu S. A. a senhora D. Maria Pia a 16 de outubro de 1847. Contava pouco mais de 7 annos quando perdeu sua mãe a rainha Maria Adelaide de respeitadissima memoria. Rainha santa lhe chamavam seus subditos, e santa foi ella pelas virtudes e pelo longo martyrio. Austriaca por nascimento, mas italiana por dever de esposa, assistiu ás terribes lutas em que de uma parte combatia o marido, da outra os irmãos e mais chegados parentes. Mais desventurada que a nossa rainha santa não lhe foi dado presenciar a reconciliação daquelles a quem tanto queria. Imagine-se o longo penar do seu coração durante aquelles annos de guerra. Bem pungentes foram do certo os espirinhos que á sombra do diadema lhe feriram a fronte.

Tamanho soffrer merecia uma prompta recompensa. Chamou-a Deus a si no vizo dos annos.

Não poderam suas filhas lograr os exemplos e conselhos d'uma tal mãe, mas se

Triste a sem conforto ficou só neste valle d'amargura a sua desconsolada familia, não lhe faltaram as orações da santa que pranteava. Abençoou Deus os dois anjos que ella deixara na terra. Reviveu a rainha em suas filhas, dignas ambas de tão virtuosa mãe.

Na casa de Saboya são hereditarias as virtudes. Nenhuma familia se pode ufaná de contar entre seus ascendentes tamanho numero de sanctos. Um dos ultimos reis desta dynastia, Carlos Manuel IV, quasi nosso contemporaneo, depoz em 1802 a purpura para vestir o mesquinho habito de noviço em um convento de Roma, onde morreu, deixando apoz si fama de excelsas virtudes.

Nos annaes da casa de Saboya encontram-se ainda os nomes de Beato Humberto III, do Beato Bonifacio, arcebispo de Cantuaría, de Amadeo VIII, que tendo renunciado a coroa e fágido para um ermo, foi eleito papa sob o nome de Felix V, mas que soube depór a tiara quando se demonstrou que a sua eleição não fora legitima, do B. Amadeo IX, de B. Luiza sua filha, e de outros ainda.

Menciono estes nomes e não os de outros príncipes daquella casa que conquistaram diferente genero de illustração, porque na historia da familia da princeza, que vac ser nossa rainha, o que importa achar é exemplos de virtudes que nós deem a esperanza de as encontrarmos iguaes na augusta esposa do nosso amado soberano.

Em Portugal encontrará S. A. excellentes recordações da unica princeza da sua familia que foi nossa rainha: D. Mafalda mulher de D. Afonso Henriques. Louvam muito os nossos escriptores, diz Brandão, (1) as perfeições naturaes

desta princeza, e as virtudes que exercitou no decurso da sua vida. Mostra como se avantajou em zelo do culto divino, e em a hospitalidade e misericordia.

Tenho fé que a senhora D. Maria Pia saberá seguir estas pizadas. Um sangue tão illustre como é o que lhe gira nas veias não pode degenerar.

Douto Deus a S. A. de excellentes qualidades do espirito e do coração. A sua piedade é exemplar, a sua caridade sem limites. Preside ás associações das escolas pobres de Turim, que a miudo visita, comprando-se em distribuir com suas augustas mãos os premios no fim do anno escolar. Posso dizer que se occupa unicamente em amar a Deus e em acudir aos que soffrem.

Agudez de engenho, viveza na imaginação, solidez no juizo, andam conjunctos em S. A. com nimia affabilidade e rara modestia.

A senhora condessa de Villamarina dirigiu a educação de S. A. com sollicitude maternal. Procurou aproveitar todas as boas disposições que nella se encontravam.

S. A. recebeu uma instrucção solida e variada. Seguiu um curso regular de estudos em que a dirigiram excellentes professores.

Por ora é o que podemos e devemos dizer acerca de S. A. Temos direito a conceber fagueiras esperanças. Ainda não travou com a vida a lucta a que todos estamos condemnados. Até aqui tem-se apenas preparado para o combate. Robustecida a encontrar elle.

Esperamos que S. A. saberá mostrar-se sempre digna do seu nome, das tradições da sua casa, e das antecessoras no throno portuguez.

O retrato com que vac enriquecida a Revista Contemporanea dispensa-me de dizer que a senhora D. Maria Pia é gentil de feições e esbelta na estatura. A sua physionomia é sympathica, meigo seu sorriso. Tem os olhos pretos e vivissimos; toda a sua expressão é agradável. Estampou-lhe Deus no rosto a belleza da sua alma. — Marquez de Souza Holstein. (Revista Contemporanea)

Allocução da camara municipal de Lisboa a sua Magestade El-Rei, pelo anniversario do juramento da Carta Constitucional da Monarchia, e do nascimento de Sua Magestade a Imperatriz do Brazil, viuva, duquesa de Bragança.

Senhor. — Receba Vossa Magestade as congratulações da Camara Municipal de Lisboa por ser hoje o anniversario do juramento da Carta Constitucional, e o natalicio da virtuosa e excelsa avó de Vossa Magestade, a Imperatriz viuva do immortal dador daquelle venerando codigo.

Não se póde commemorar estes caros objectos do nosso acatamento, sem prestar a homenagem de gratidão á memoria do inelito avó de Vossa Magestade, sem recordar a abnegação e heroismo com que aquella grande alma, que Deus tem em gloria, nos apontava para a liberdade, animando nos e guiando-nos a reconquistal-a com admiração e assombro do mundo!

Vossa Magestade, digno herdeiro de tão altas virtudes, tem o mesmo direito ao amor e fidelidade de todos os portuguezes, e por isso a Camara Municipal de Lisboa, em seu nome e no do municipio que representa, tem a honra de reiterar estes protestos de amor e respeito a Vossa Magestade, a seu augusto pae o Senhor D. Fernando II e Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Infante.

Por esta occasião, Senhor, a Camara, possuida do maior jubilo pela noticia do proximo consorcio de Vossa Magestade, não póde deixar de congratular-se desde já pela acertada eleição que Vossa Magestade fez de uma princeza tão digna em tudo de occupar o solio portuguez. A casa nobilissima de que procede a joven e virtuosa princeza, e a geral sympathia com que esta noticia é recebida dentro e fóra do reino, são por certo os melhores auspicios de felicidades para Vossa Magestade e para todos os portuguezes.

Resposta de Sua Magestade

Agradeço á Camara Municipal de Lisboa as congratulações que me dirige pelo anniversario do juramento da Carta Constitucional da Monarchia, codigo que tanto estreitou a alliança entre a nação e o throno, e pelo anniversario natalicio de Sua Magestade a Imperatriz do Brazil, minha muito prezada avó.

Ouyi com a maior satisfação as phrases de amor e respeito que a Camara Municipal, tributá á virtuosa Princeza Maria Pia, da Italia, eleita do meu coração. Compreendo o jubilo deste bom e affectuoso povo. Antigos laços prendem as duas dynastias, e uma generosa communidade de sentimentos e de instituições unelua uma para a outra duas nações que não esqueceram a antiga origem.

As sympathias que Portugal tem manifestado pela escolha que fiz, são motivos para fundamentar mais as esperanças de que esta união muito ha de contribuir para a minha felicidade e ventura da nossa patria.

Relatorio

Da directoria do gabinete portuguez de leitura em Pernambuco, apresentado em sessão da assembleia geral, em 8 de junho de 1862.

Senhores accionistas do gabinete portuguez de leitura. — Antes de entrarmos na enunciação dos nossos trabalhos administrativos, corre-nos o triste e penoso dever de commemorar os fataes successos que nos attribuláram, mal haviamos principiado a dirigir o leme desta associação, e

que por toda a parte ecoáram de uma maneira dolorosa; já vedes que nos referimos ao prematuro fallecimento de S. M. o senhor D. Pedro V, e de seus angustos irmãos, os serenissimos senhores infantes D. Fernando e D. João.

A directoria, bem convencida dos sentimentos partilhados por todos os membros de este estabelecimento, além das demonstrações geraes de condolencia, entendeu dever nomear em Lisboa uma commissão que testemunhasse a El-Rei o senhor D. Luiz I a viva magua que pungia os subditos portuguezes, de que se compõe este gabinete, a motivo dos instantos acontecimentos que acabavam de enlutar o paiz: foi composta esta commissão dos exm.ºs srs José da Silva Mendes Leal Junior (actualmente ministro da marinha), Antonio da Silva Tullio, e José Estevão Coelho de Magalhães, que assentindo de bom grado ao nosso convite, e dando-lhe cabal desempenho, foram benevolmente acolhidos por Sua Magestade que, em termos affectuosos, agradeceu esta demonstração de pezar segundo se dignou communicar-nos o mesmo exm.º sr. Mendes Leal.

A directoria resolveu mais que se celebrassem sollemnes exequias em honra do fallecido monarcha, e, abraçando de boamente este pensamento o nobre e illustrado conselho deliberativo, tiverem ellas lugar, a expensas das duas corporações, no dia 14 de janeiro preterito, no templo de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, que se achava envolto em negros crepes, tendo sido confiada a sua decoraçáo e arranjo do catafalco ao illm.º sr. Manoel Gonçalves Aguiar, que soube perfeitamente corresponder á nossa expectativa. A fadigas, nem a despesas nos poupamos para que o acto, revestido de uma tal ou qual pompa funerea, fosse digno do importante estabelecimento a cuja frente temos a honra de estar, e queremos persuadir-nos haver attingido o fim desejado.

Faltariamos a um sagrado dever, se neste lugar não assignalássemos em sollemne testemunho de gratidão, os nomes das pessoas que, já como um tributo de saudade e respeito á memoria do augusto finado, já como uma prova de fraternal amor e interesse por este estabelecimento, e pelas cousas portuguezas em geral, nos honraram com a sua valiosa coadjunção e demonstrações de inequivoca benevolencia.

Tornaram-se dignos de especial menção, o illm.º e exm.º sr. commendador Antonio Marcellino Nunes Gonçalves, então presidente desta provincia, que deu evidentes provas do doloroso sentimento de que se achava possuido, quer fazendo trazer largamente o canhão das fortalezas e estacão naval de quinze em quinze minutos no dia das exequias, que terminaram com as salvas do estylo, e ordenando que aos officios religiosos assistisse uma brigada, o que correu effizazmente para a sollemnidade do acto, quer assistindo a este; o illm.º e exm.º sr. commandante das armas, general Solidonio José Antonio Pereira do Lago, que, com a maior delicadeza e urbanidade, se offereceu a esta directoria para quanto estivesse ao seu alcance; o illm.º sr. dr. José Henriques Ferreira que, sempre sollicito quando se trata de objectos, que possam fazer honra á nação que tão dignamente representa, com a melhor vontade se promptificou auxiliar-nos, prestando-se a fazer parte da commissão encarregada de receber os convidados; o illm.º sr. presidente e mais dignos membros da meza da irmandade de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, que com uma franqueza e espontaneidade merecedoras dos mais sinceros encomios, puzeram á disposição desta directoria não só a igreja e suas alliaças, como os seus mui valiosos serviços, apenas lhes constou o projecto que a mesma directoria tinha de mandar celebrar exequias pelo virtuoso monarcha fallecido. Todos estes illustres cavalheiros se dignaram honrar com a sua presença a fimebre cerimonia, e bem assim os illm.ºs e exm.ºs srs. commandante da estacão naval e seu estado maior, dr. chefe de policia, capitão do porto, illm.ºs srs. inspectores e chefes de todas as mais repartições publicas e seus respectivos empregados, e officiaes de todas as armas; parte do corpo consular, estrangeiros, magistrados, ordens religiosas, e muitas outras associações e pessoas a quem foram dirigidos convites.

Recitou a oração fimebre o illm.º e revm.º sr. padre Leonardo João Grego, que della offereceu depois ao gabinete um exemplar ricamente impresso e encadernado; e pronúciou tambem um excellento discurso, analogo á sollemnidade, o illm.º sr. dr. Antonio Rangel de Torres Bundeira, que com mimosas e sentidas phrases, captou a attenção do seu numeroso auditorio, fazendo o panegyrico das inelitas virtudes do excelsa soberano portuguez. A todos, portanto, e a cada um de per si deve esta associação o mais profundo reconhecimento por tantas provas de sympathia e consideração recebidas.

Para concluir esta materia, que tanto nos magoa o espirito, diremos ainda que a directoria mandou tambem celebrar no mesmo templo de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, missas, não só pelo eterno repouso do senhor D. Pedro V, como de seus fallecidos irmãos, os serenissimos senhores Infantes D. Fernando e D. João.

Passaremos agora, em observancia do disposto na ultima parte do § 23 do art. 46 dos estatutos vigentes a declarar-vos os trabalhos de que se occupou esta directoria durante a sua administração, para que possaes avaliar a maneira pela qual desempenhou a tarefa, que lhe foi confiada pelo conselho deliberativo.

Sem faltar ao dever de vos expór quanto julgar digno de ser mencionado, ella procurará

cumprilo, sendo breve e concisa para não se tornar enfadonha na sua descripção.

Pessoal do Gabinete. Compõe-se elle, na sua parte contribuinte, de socios accionistas e subscriptores, existindo actualmente: Accionistas..... 576 Subscriptores..... 268 Total..... 844

E' este, certamente, um numero inferior ao que vos foi apresentado na ultima sessão ordinaria, contra o que devies esperar; porém, houve para isso duas causas ponderosas, a saber, a creencia erra das amortisações, e o facto de haverem sido anteriormente considerados socios accionistas, inviduos, a cujo favor apenas militara a circumstancia de haverem sido approvados. Reconhecido isto, a directoria tratou desde logo do syndicar quantos e quaes eram esses socios, conseguido o que, enviou todos os seus esforços tendentes á cobrança das respectivas acções, a qual vac bem adiantada.

Amortisaram-se este anno quarenta acções. Este numero já bastante ajudado, maiores proporções tomaria, se se observasse em todos o seu figur a disposto no art. 22 dos estatutos: a directoria, porém, julgou que promoveria com mais acerto os interesses do gabinete, riscando do quadro dos socios accionistas apenas, aquellos que, incursos no citado art. 22, declararam positivamente não querer continuar a pertencer ao estabelecimento, deixando de applicar essa pena aos que pretendem continuar, e pagar, e tãem sido remissos em consequencia de circumstancias attendiveis. Desta discrepância, ou inobservancia de uma disposição da lei da casa, eré a directoria não ser a primeira a iniciar o exemplo; mas, não lhe sirva isso de desculpa, e sim a profundiidade que de tel medida julgou resultar á associação.

Como distincção para uns, e galardão para outros, propoz directoria ao conselho varias nomeações honorificas, que por este foram approvadas, a saber: de socios benemeritos — os illm.ºs srs. José da Silva Loyo, pelos seus relevantes serviços, e Francisco José Lopes, por relevantes donativos; de socios honorarios — os illm.ºs e exm.ºs srs. ex presidente da provincia, commendador Antonio Marcellino Nunes Gonçalves, e conselheiro Antonio José Vale, (este de Lisbon) e illm.ºs srs. dr. Manuel Pereira de Moraes Pinheiro, e Francisco Antonio Cezario d'Azvedo, todos pelos seus merecimentos scientificos e litterarios. (Continua)

PARTE OFFICIAL

Ministerio das obras publicas, commercio e industria.

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte: Artigo 1.º O governo mandará proceder á construcção das obras necessarias para o melhoramento do porto e barra de Villa Nova de Portimão e respectiva ria até Silves, e á feitura de uma ponte através da dita ria, junto daquelle villa, de modo que não embarce a sua navegação.

§ unico. Par-se-hão previamente os estudos indispensaveis para se elaborar o projecto definitivo das ditas obras, nenhuma das quaes se poderá effectuar sem que seja approvada pelo governo, ouvido o conselho das obras publicas.

Art. 2.º E' autorizada a percepção dos impostos na tabella junta, que faz parte desta lei, sobre todos os objectos que forem exportados pela barra de Villa Nova de Portimão, bem como sobre a tonelagem dos navios que frequentarem o porto; e 1 por cento do valor sobre os objectos importados pela dita barra.

§ 1.º Os objectos que entrarem para reexportação pagarão sómente o imposto que a esta corresponder.

§ 2.º Estes impostos serão unica e exclusivamente applicados ás obras de que trata a presente lei, e só poderão vigorar pelo tempo necessario para a amortisação dos empréstimos levantados para a construcção das mesmas obras.

Art. 3.º Os impostos decretados no artigo antecedente serão percebidos na alfandega de Villa Nova de Portimão, conjuntamente com os do estado, mas terão uma escripturação separada.

Art. 4.º Para satisfazer a despeza que tenha de ser feita na execução das ditas obras, é o governo autorizado a contrahir os empréstimos necessarios, por series de titulos especiaes de divida, na proporção das sommas que forem precisas para o principio, continuação e acabamento das referidas obras, não podendo o juro dos ditos empréstimos exceder a 6 1/2 por cento. A receita restante será applicada á amortisação dos mesmos empréstimos.

§ unico. Os impostos de que trata o artigo 2.º serão hypotheca do capital e juro dos empréstimos contrahidos.

Art. 5.º O governo, se o julgar conveniente, poderá estabelecer uma junta composta de seis membros, tres effectivos e tres supplentes, designados de uma lista de doze, proposta pela junta geral do districto, a qual terá a seu cargo realizar os empréstimos de que trata o artigo 4.º, pagar o juro e amortisação respectiva, ficando autorizada a receber directamente, por intermedio das alfandegas, os impostos creados e destinados para este fim.

(1) Monarch. Lusit. vol. 5.º liv. 10 cap. 19.

Artigo 6.º O governo fará os regulamentos necessários para a boa execução d'ella lei.

Art. 7.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contém.

O Marquez de Loulé, par do reino, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, interinamente encarregado dos negocios das obras publicas, commercio e industria, e o ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda a façam imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda aos 7 de julho de 1862. — EL-REI, com rubrica e guarda. — Marquez de Loulé — Joaquim Thomaz Lobo d'Avila. — Lugar do sello grande das armas reais.

Carta de lei etc.

EXTERIOR

Das jornaes recebidos hontem copiamos o seguinte:

Da «Correspondencia»:

Ragusa 18. — Ataque dos turcos contra os montenegrinos nas suas linhas de Sagaratz. Os turcos foram vencidos e ficaram destruidos os seus trabalhos de defesa pelos montenegrinos.

Turin 23. — Garibaldi offendeu novamente o imperador Napoleão de um modo violento n'outro discurso pronunciado em Marsala.

O corregedor d'esta cidade foi demittido, mas o governo não se atreve a adoptar contra Garibaldi as providencias que o seu procedimento merece, e diz se que o rei se contentou com enviar uma pessoa dedicada a Victor Manuel e amigo do general para o exhortar a obrar e fallar com prudencia.

O prefeito de Palermo deu a sua demissão, que foi accepta. Designam para succeder-lhe o sr. Brigntin.

Continua na camara a discussão acerca das interpellações do sr. Petrucci, relativas á politica exterior do gabinete. O sr. Mordini exprime o seu desejo de que se faça ouvir uma voz no parlamento, animando o povo romano a quebrar as suas cadeias, ainda que respeitando a bandeira franceza.

«Se estalar — perguntou — uma insurreição em Roma a nosso favor, qual será a attitudé do gabinete italiano? O governo pensou alguma vez nesta eventualidade?»

O maior julga que a alliança franco-russa será prejudicial aos interesses italianos e á paz da Europa. A alliança franco-inglesa julga se uma necessidade. Conclue dizendo: «que a Italia se deve de fortificar e pôr-se em estado de fazer a guerra.»

Frankfort 28. — Em consequência do reconhecimento da Italia, e da negativa da Prussia, da entrada da Austria na das allianças alemãs, o gabinete de Vienna renunciou associar-se á politica annunciada na circular de Bernstorff, relativa aos duados alemães.

Paris 28. — O «Pays» occupando-se do tratado Bonard, assignado Cochinchina, diz:

«Um corpo expedicionario hespanhol nos auxiliou valorosamente na Cochinchina. Fizeram tudo o que podiam com o seu escasso numero. Os direitos que esta cooperação dava á Hespanha ficam regulados pelo tratado de 5 de junho. Os soldados hespanhoes regressam a Mailla.»

Paris 30. — Ha noticias de Veracruz, que alcançam á 2 do corrente.

O estado sanitario melhorou. Chegaram a Veracruz 1400 soldados precedentes de Orizava para onde deviam regressar escoltando um comboio de viveres.

Um vapor francez tinha aprezado uma corveta mexicana.

Uma parte official do general Lorencez diz que no combate de 13 para 14, duas companhias francezas bateram a divisão de Ortega, que perdeu 250 homens, 3 obuzes, uma bandeira e 200 prisioneiros.

O exercito mexicano tinha desaparecido.

Londres 30. — Nova-York 21. — Foi approved o projecto relativo á milicia.

Os separatistas ameaçam Louis-ville.

O general Mac-Clellan conserva as suas posições.

Segundo um jornal francez bem informado, a conferencia para o regulamento da questão da Servia abriu-se já em Constantinopla. Como a Austria não fez opposição a que se admittisse o representante da Italia, todos os representantes das potencias que assignaram o tratado de Paris assistem a esta conferencia.

Affirma-se que o governo servio pede que a Turquia retire as suas tropas de Belgrado.

A Porta sustenta os direitos que tem sobre aquella fortaleza, assim como sobre as de Feth Islam, Samendria, Chabat, Alt-Orsona, Sokal e Uchitza, situadas na Servia; porém, a titulo de transacção, consente, segundo se diz, em diminuir o effectivo das tropas que formam as guarnições destas praças, afim de não sobrecarregar o paiz, que segundo o disposto nos tratados, deve prover á sustentação das mesmas tropas.

O «Monitor do Exercito», em carta particular de Shanghai, datado de 3 de junho ultimo, refere que os reforços pedidos á India pelo almirante inglez começavam a chegar. Estas novas tropas devem elevar as forças inglezas na China a perto de 10000 homens.

Além d'isto, estava-se organisando uma esquadra anglo-chineza cujo commando será confiado a um capitão da marinha ingleza. A esquadra compor-se-ha de uma divisão de canhoneiras,

de 5 corvetas, de 3 fragatas inglezas, e de 23 navios de guerra da marinha chinesa.

Quando estes meios militares reunidos aos que já se possuem estiverem em Shanghai, começará desde logo o sitio de Nankin cabeça de districto do governo dos revoltosos e seu principal arsenal. A queda d'esta cidade será um acto militar da maior importancia.

Diz a mesma carta que a cidade de Shanghai ia erigir um monumento ao almirante Protet, que tão relevantes serviços prestou á causa da ordem e da civilização na China, e cuja morte gloriosa tão viva impressão causou.

Como completamente das noticias dadas pelo correspondente de Shanghai, diz a «Patrie» que o capitão Osborne, da marinha real britanica, nomeado comandante da esquadra anglo-chineza, saiu de Londres, com destino para a China por Suez.

As forças alliadas estão reunidas em Shanghai no fim do mez de agosto proximo, e o sitio de Nankin começará no mez de setembro.

Madrid 2 d'agosto, ás 10 horas.

Nova York 22 de julho. — Corre o boato de que os francezes occuparam Gaymas, como base de operações no caso de que rebente a guerra entre a Franca e os estados do norte.

Turin 1. — Ha grande affluencia de voluntarios em Coreione.

Corre o boato de que chegara a Palermo um navio americano carregado d'armas.

O governo italiano empregará todos os meios para impedir a expedição.

Turin 30. — E' falsa a noticia de um pretendido «complot» de 800 homens para suprehender a cidade de Napoles.

Garibaldi melhor de saude partiu para Massina.

Londres, 30.

Nova-York 19. — Os separatistas occuparam todas as posições ao redor de Richmond a uma distancia de 10 millas.

Um navio encoitracado, separatista, chegou a Wichobourg depois de haver causado á esquadra federal serias avarias.

Pouco numerosos os alistamentos de Nova-York.

O general Hollaech é esperado em Washington para receber o commando do exercito dos Estados Unidos mas Mac Cellan e Pope conservam as suas posições.

Paris, 30. — O «Moniteur» publica noticias do Mexico de 1 de julho.

A fragata «Iphigenia» havia chegado com 300 homens. Dois cirurgieiros do exercito francez tinham fallecido victimas da febre amarella.

Os periodicos inserem a parte official de Lorencez relativa aos triumphos de Cerro do Borrego e Puebla: 250 mexicanos ficaram no campo da batalha, 200 prisioneiros em poder dos vencedores, uma bandeira, trez obuzes, um general, e trez coronéis.

O general Forey partiu hontem de Cherburgo para Veracruz a bordo do vapor «Turenne.»

Turin, 31. — Chegou aqui o enviado de Portugal.

Paris, 31. — A «Patrie» desta tarde diz que se continuam a dar as mais terminantes ordens para se vigiarem as costas dos Estados Pontificios.

Nas conferencias de Constantinopla ha desaccordo entre muitas potencias.

Turin, 30 de julho. — Garibaldi foi a Messina. Teme-se que emprenda uma expedição.

NOTICIARIO

Caixa economica. — Damos em seguida o balanco do movimento da Caixa Economica d'Aveiro no mez de julho de 1862.

ENTRADAS:
Depositos recebidos 119:8240
Letras idem 2:488:520
Juros idem 138:8860
Saldo do mez antecedente 6:012:920

8:759:540

SAIDAS:
Emprestimos 4:940:120
Depositos restituídos 129:9550
Saldo em caixa 3:689:465

8:759:540

Valor dos depositos existentes em

31 de julho 18:607:130

Idem em letras existentes na mesma data 15:788:840

Escritorio da Caixa Economica 2 de agosto de 1862.

O secretario

A. PINHEIRO.

Continuam! — Lá veio mais uma columna de farello e palhada. Embirramos com estas duas expressões mas não se emendam. Qual historia! Continuaram alinhavando palavras sem sentido, e por uma destas nugaçadas proprias do seu felicissimo espirito, fizeram um trocadilho pretencioso, que vinha a dizer que nos deixavam a palha e os farellos da sua linguagem.

Muito obrigados. Não gastamos d'isso, mas começamos a crer que não contém outra coisa os seus substanciosos artigos.

Pedimos-lhe que nos provassem que o sr. José Estevão dissera que o pulpito era uma fogueira, e o templo um mercado.

A resposta foi palhada e farello. Notamos-lhes o absurdo de dizerem que o culto externo era o que unicamente extremava a religião christã das outras religioes.

Não se defenderam, vieram com farello e palhada.

Ultimamente apontamos-lhes um erro de grammatica que o mestre Cadella puniria com uma duzia de palmatoadas.

Não contestaram, vieram com o argumento de incompetencia, apontando-nos duas orações, uma das quaes não souberam ler, porque lhe faltava um acento, e outra tinha um — s — de mais!

Isto que é senão farello e palhada?

Ora se nos seus artigos não ha senão palha e farellos, nós absteimo-nos da sua leitura, deixando os intactos aos seus apologistas e leitores, que talvez já não estranhem a sem cerimonia visto que o grão e a farinha, se os ha, ficam em caza!

Companhia dramatica. — Chega hoje a companhia Macedo, que vem dar algumas récitas nesta cidade. A companhia é uma das mais completas que aqui tem vindo ultimamente. Promette levar á scena algumas peças de effecto dramatico e de reputação litteraria.

A 1.ª récita será no domingo com o drama de Scribe—*A Condeza de Sannecy*—, e a comedia—*A Corda Sensivel*—.

Sahida. — Sahiu na quarta-feira desta cidade o sr. Eduardo de Serpa Pimentel e sua familia. Depois de oito annos de permanencia nesta cidade, não podia a sahida do sr. Serpa ser um acto indifferente para os muitos amigos que a sua inteireza e virtudes haviam sabido grangear. E não foi para nenhum. O sr. Serpa ha de ser entre nós recordado por muito tempo e por muitos titulos honrosos para o seu character.

S. ex.ª sahio em direcção ao Porto, e foi acompanhado até alguma distancia da cidade por muitos dos seus melhores amigos.

Substituições. — No *Diario de Lisboa* n.º 174 de 5 do corrente vem fixado o preço médio das substituições dos recrutas no presente anno, na quantia de 123\$000 rs.

Monumento patriótico. — Com este titulo dá o *Jornal do Commercio* de Lisboa noticia de que o sr. Joaquim da Costa Cascaes propozera que fosse erigido um singelo monumento á celebre batalha do Bussaco, uma das mais notáveis da campanha peninsular, no proprio local onde foi dada a acção.

Apoiámos o pensamento do illustre escriptor, e apoiámos tambem as sensatas reflexões que a este respeito faz o nosso collega da capital, e que em seguida transcrevemos. E' justo que se perpetue a memoria d'esse batalha que tanto sangue nos custou, e que é um dos padrões militares do nosso paiz, e de que mais deve gloriarse o exercito portuguez.

Ainda ha pouco tivemos occasião de precorrer esse lugar notavel, e confessamos que não foi sem um aperto de coração que debalde procuramos uma pedra, uma inscripção que attestasse aos que ali fossent aquelle grandioso feito d'armas. Apenas em um dos cerros da montanha encontramos uma pequena capella cravejada de balhas, e já derrocada, onde é tradição ali que o general Simon, ferido no ataque, se estivera curando.

Bem merecerá pois o governo se deferrar aos desejos do sr. Cascaes, por que todos os povos tem por dever memorar os logares onde se operavam os grandes feitos dos seus exercitos.

Eis o que a este respeito, diz o *Jornal do Commercio*:

«Da guerra peninsular não ha um só monumento, que commemore as façanhas dos soldados portuguezes na defesa da patria. Ha quarenta e oito annos que terminou a guerra contra os estrangeiros que pretendiam avassalar Portugal, e contudo a nenhum governo lembrou nunca levantar uma lapide, sequer, em algum campo de batalha, que recordasse aos vindouros qual fôra o heroismo do exercito portuguez em tão longa e porfiada campanha.

O nosso amigo, o sr. Joaquim da Costa Cascaes, a quem o governo confiou a honrosa empreza de escrever a historia da guerra peninsular, lembrou-se de propor ao sr. ministro da guerra, que no campo de batalha portuguez, onde maior gloria adquiriram as nossas armas, combatendo os exercitos francezes, se levantasse um singelo obelisco, que memorasse o feito heroico ali praticado.

Tem os hespanhoes um pequeno monumento em Albuera, campo onde os exercitos alliados, inglez, hespanhol e portuguez, mostraram mais uma vez que eram dignos de vencer os soldados do primeiro capitão do seculo. Mas em Portugal não ha uma pedra que diga aos vindouros — «aqui pelejaram os portuguezes pela independencia da sua patria e venceram os seus inimigos.» — Por esses campos jazem os cadaveres de tantos que deram a vida pelo seu paiz, e não se vê erguido um padrão que atteste ao viandante que ali repousam os valentes soldados portuguezes «em perigos e guerras esforçadas» que sustentaram com assombroso valor e extremada constancia a independencia da sua terra.

O nosso amigo, o sr. Cascaes, que estuda com amor a historia dessa famosa guerra, para lhe erigir um monumento que do certo será digno do paiz e do nome litterario de tão distincto escriptor, como que se envergonhou de não encontrar por todo este Portugal, nas serras, nos valles, ou nos povoados, alguma memoria de façanhas tão celebradas — e de tão heroico patriotismo.

Por isso, não contente dos trabalhos a que está entregue para levar ao cabo a empreza a que metteu hombros, quiz tambem o sr. Cascaes que lhe coubesse a honra de se lhe dever o primeiro monumento de pedra da guerra peninsular.

O pensamento do sr. Cascaes é o seguinte, segundo nos consta:

No Bussaco se pelejou a primeira batalha em que o exercito portuguez, além de valoroso se mostrou disciplinado e firme, rivalizando todos os dotes militares com o exercito inglez, conforme o testemunho insuspeito do proprio lord Wellington e do marechal Beresford.

O exercito portuguez, no Bussaco, tirou a sua primeira desforra da desconsideração a que parecia votado; e os inglezos foram os primeiros a fazer-lhe justiça. A batalha do Bussaco foi a rehabilitação do exercito portuguez.

Por estes motivos pois, e por ser tão decantado o sitio, pareceu ao sr. Cascaes que o Bussaco era o campo mais apropriado para a execução de um singelo mas patriótico obelisco, cujo plano apresenta e é o seguinte:

Do proprio calcareo que abunda na falda da serra, se construirá o monumento, cuja primeira pedra deverá ser collocada no dia 27 de setembro, anniversario da batalha.

O monumento constará de um pedestal quadrangular, com poucas molduras, coroado de uma pyramide. Duas faces oppostas, ou lisas, ou com algum ornato singelo e allusivo, e nas outras duas, inscripções que commemorem, uma as circunstancias principaes do facto, e a outra a época e a data da criação do monumento.

E' um pensamento simples e pouco dispendioso, e desde que elle é proposto a um ministro, como o sr. visconde de Sá da Bandeira, que é tambem um veterano da guerra peninsular condecorado com a cruz de quatro campanhas, o nobre general não deixará de o aproveitar e de lhe dar seguimento.

A batalha do Bussaco foi dada a 27 de setembro de 1810, entre cerca de 60:000 veteranos francezes commandados pelo marechal Massena, denominado o anjo da victoria, pela audacia e fortuna das suas emprezas militares, e o exercito anglo-luso de 50:000 homens sendo 27:000 portuguezes, sob o commando de lord Wellington. A batalha começou ás 6 horas da manhã, durou porfiada até ás 8 e meia, continuando até á noite já mais frouxa.

Os alliados occupavam as alturas; atacados com incrível coragem pela direita e esquerda, repelliram o inimigo á bayoneta.

Os alliados perderam 197 mortos, 1:002 feridos, 55 extraviados ou prisioneiros. A perda dos francezes passou entre mortos e feridos, de 4:000 homens, entre elles um general, 3 coronéis 3 officiaes e 250 praças prisioneiras.

A tropa portugueza compunha-se, em grande parte, de recrutas, que se mostraram soldados completos.

Será um dia jubiloso para os veteranos das gloriosas campanhas peninsulares, aquelle em que virem erguido um padrão aos seus heroicos feitos.

Opantasma do Castello. — Aposar dos bicos de gaz, ainda nesta bou terra anda muita gente ás escuras. Ainda ha muito (diz a «Revolução de Setembro») quem creia em metemphose, quem tome a serio os contos de Hoffman, quem sonhe com bruxas, quem trema com medo de larvas e espectros. O caso que referimos e que acabam de nos contar é d'isso prova.

O soldado que estava de sentinella á praça Nova do Castello de S. Jorge, na noite de 27 do mez findo, andando pela meia noite a passear por cima do muro que fica imminente ao portão do Olival, affigiu-se-lhe sentir passos e ver que uma sombra o perseguia e seguia constantemente seus passos. Mas julgando ser o official de estado maior que por ali fosse rondar, não fez maior caso, mas mau grado seu, erigiram-se-lhe os cabellos no touço.

Continuava entretanto a sombra a perseguir-lo ameaçadora e implacavel, e o pobre filho de Marte (desculpem a reminiscencia mythologica) bradou com voz de stentor — Quem vem lá?

Como ninguem respondesse arrancou da espada bayoneta, para defender-se, quando a sombra tomou vulto e o agarrou com pulso herculeo, apertando-o contra o peito, cujos ossos o soldado ja hoje jurar que sentira ranger. Apesar de meio suffocado o soldado, que era uma destas organizações bastante meticulosas, clamou por socorro, todo transido de susto. Aos seus gritos correram um soldado e um official de estado maior. Ao que parece neste interin a sombra maldita esvaeceu-se, porque quando os dois chegaram ao pé da sentinella acharam-na estafada no solo com a arma tão segura, que difficil foi tirarem-lha.

Estava pallida, tomada de voz, com os cabellos ericados, nadando em suores frios e sem dar accordo de si.

O official e o soldado indagaram se havia alguém na praça, mas ali reinava o silencio dos tumulos. Levaram então a pobre sentinella para a casa da guarda, onde esteve por algum tempo sem falla.

Deram-lhe um copo de agua. Animaram-no; por fim voltou a si, ainda horrorizado de tão negro phantasma, cujo encontro refere ainda hoje bido tremulo e afflicto.

A existencia do phantasma naquelle sitio é já tradicional. Conta-se que tem apparecido ás sentinellas dos diferentes corpos que para alli vão, mas ainda nenhuma fôra agredida com tanta violencia como esta. O caso anda contado de boca em boca no sitio, e é assumpto das palestras nocturnas por tendas e arizagens de vinhos. Ha até soldado valentão que protesta varar com uma bala a alma daquelle alma do outro mundo.

Estamos em 1862!
Neurologia. — Falleceu em Paris na noite de 21, a marquez de Laplace, viuva d'illustre auctor da *Mechanica Celeste*, antiga dama de

honor da princeza Elisa, gran duqueza da Toscana e irmã do imperador Napoleão I. Tinha 94 annos.

Passagem.—Passou hontem por esta cidade o sr. D. Euzébio Page, que veio inspecionar a via ferrea.

S. ex.^a apenas se demorou horas, seguindo logo em direcção ao Pano, acompanhado pelos srs. Calderon e Masade.

Dizem-nos que brevemente terá logar a inauguração da linha entre o Vouga e a estação das Devezas.

Tratado postal com a Hespanha.—Acerca da convenção postal com o reino visinho, dizem os jornaes hespanhoes:

«Estão completamente terminadas as negociações para o tratado postal entre Hespanha e Portugal. Será ratificado dentro de poucos dias pelos plenipotenciarios de ambos os governos.

Neste tratado se estabelece a franquia prévia obrigatória: e uma carta regular de Madrid a Lisboa custará só seis quartos, porte muito mais baixo do que o actual.

É um melhoramento importante, attendendo ás frequentes relações entre os dois paizes, e deve-se tanto ao zelo do sr. ministro de estado e dos seus directores do commercio e dos correios, como ao ministro de Portugal nesta corte.»

Grande desastre.—A «Opinião» jornal de Lisboa, dá a seguinte noticia:

Houve no domingo passado em Torres Novas um grande desastre. Devia ali dar-se uma corrida de touros, cujo producto revertia em favor d'uma irmandade d'aquella villa. Os influentes da irmandade mandaram, pois, construir uma praça, mas de madeiras tão fraquinhas, tão mal engendrada, que, pouco antes de começar o espectáculo, e quando os palanques já estavam cheios de espectadores, abateu parte da praça envolvendo nos destroços os que se preparavam para divertir-se.

O tumulto, a vozeria e a desordem que se seguiu ao desmoronamento não se descrevem. Para cumulo de infortunio, um boi arrombando a porta da gaiola, sahiu para a praça n'esse momento, e investindo com a multidão meio desmaiada, levou a diante de si de vencida, arremecendo-a de encontro aos destroços dos palanques abatidos.

Ha muitos ferimentos, e a morte de um homem.

A causa do sinistro foi a pessima construcção da praça.

O publico reclamou o dinheiro que havia pago e o espectáculo ficou addiado.

CORREIO

LISBOA 6 DE AGOSTO

(Do nosso correspondente.)

As noticias recebidas directamente da provincia de Angola pela corveta *Estephania*, vieram confirmar as que se haviam recebido por via de Inglaterra. As mais importantes são a perda de Cassange, e o conflicto levantado entre o sr. Calheiros, governador geral da provincia, e a camara municipal de Loanda.

A perda de Cassange não é acontecimento pavoroso, e que nos deva cubrir de luto. Cassange era uma feira importante, afastada cem legoas das fortificações portuguezas. Os commerciantes portuguezes levavam ali grandes valores em fazendas, e alguns dominados pela ambição de maiores lucros ainda avançavam mais para o interior. Ora o governo não estava em circumstancias de poder dispor de tal força militar, que podesse defender os commerciantes quando o gentio tratasse de os roubar. Uma força militar de europeus naquellas terras insalubres, em um logar distante cem legoas dos pontos fortificados, cabindo de fome, de cansasso, e de febre, porque é difficillimo irem mantimentos para uma distancia de cem legoas, sem haver estradas, uma força nessas circumstancias desamparada, porque o gentio podia atacal-a por todos os lados não podia dar grande protecção aos commerciantes portuguezes. Era pois uma temeridade dos feirantes o levarem para ali todas as suas fazendas. Se a feira se houvesse mudado para junto dos pontos fortificados, o gentio lá iria commerciar. O que o governo não deve é sacrificar a tropa portugueza aos commerciantes audaciosos. Dizem-me que muitas vezes alguns negociantes, que não trazem suas contas muito direitas, induzem o gentio a roubar-os afim de quebrarem com decencia; sendo roubados em reis 500\$000 dizem que o foram em 3 e 4 contos de reis; e os negociantes da metropole que lhes fiam as fazendas são os que verdadeiramente perdem.

Acerca do conflicto entre o governador geral de Angola, e o corpo municipal de Loanda, o caso passou-se como municipal na minha primeira correspondencia. A camara dissolvida pelo governador foi reeleita, e este não quiz dar-lhe posse. Uma commissão municipal continua á testa dos negocios da camara.

O governador geral tambem não quiz dar posse ao official Escarnichia que fora daqui nomeado governador de Colunge Alto. Não sei que motivos teve o governador para assim proceder, a carta particular que me communica o facto não me dá explicação alguma a esse respeito.

No vapor *D. Antonia*, esperado aqui a todo o momento veem os sr. Luiz José Mendes Affonso, presidente da Relação de Loanda, que está suspenso do logar da presidencia pelo governador geral, e o sr. José Barbosa Leão, secretario geral, que tem estado doente do estomago.

— A portaria pela qual foi suspenso o sr. Affonso é a seguinte:

Portaria n.º 75.—O governador geral da provincia d'Angola e suas dependencias, determina o seguinte:

Tendo-se o presidente da relação de Loanda, Luiz José Mendes Affonso, collocado em manifesta e positiva desobediencia ás leis e ás ordens legalmente emanadas do governo geral da provincia, praticando actos que não são da sua competencia e insistindo na desobediencia, mesmo depois de advertido, desconhecendo por um lado a auctoridade do governador geral, como delegado do poder real, e por outro a sua propria posição, de empregado de commissão e confiança do governo, como órgão do poder executivo nos actos de policia, economica e administração judicial, e não podendo pois, continuar em similhante estado de cousas sem prejuizo da causa publica e sem offensa dos principios de administração geral, cuja harmonia o presidente da relação tem procurado perturbar com estes factos e outros menos recentes: hei por conveniente suspender o referido Luiz José Mendes Affonso do exercicio da presidencia da relação de Loanda, continuando a servir como juiz na conformidade da lei; e devendo ser substituido naquelle cargo da presidencia pelo juiz da mesma relação, Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes.—As auctoridades e mais pessoas, a quem o conhecimento desta competir, assim o tenham entendido e cumpram.—Palacio do governo em Loanda, 24 de maio de 1862.—Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes.

Diz-se que o sr. Mendes Affonso vem a Lisboa para accusar o governador geral, e o secretario geral para o defender.

Amarinhagem da corveta *Estephania* praticou uma honrosissima acção. Nesta ultima viagem para Lisboa fez a festa de Neptuno na passagem da linha, como é de costume, e o dinheiro que sobejou da subscrição para a festa, em vez de o applicar aos seus prazeres entregou-o ao seu commandante, pedindo-lhe que comprasse duas inscrições de cem mil reis cada uma para o asylo da Mendicidade. Chegando a terra suberam aquelles bons homens do mar, que o paiz estava subscrivendo para as creancinhas abandonadas, e pediram logo ao commandante, que mandasse as inscrições para algum asylo de orfãos.

Nos dias da chegada de navio dos portos d'Africa, adomece a politica e só se procura saber noticias das nossas possessões. E' por este motivo que vou fallando sobre as coisas do ultramar.

Os negros em Angola continuam a praticar crimes. Uma partida de commerciantes que ia de Ambriz para o Bemba foi roubada por alguns negros saídos do Quiembo em companhia de alguns inglezes. Foram todos capturados; os inglezes reclamaram a sua soltura, porém não serão soltos sem terem restituído as fazendas roubadas. Preparava-se uma expedição em Melange para ir para Cassange, sendo commandada pelo official Lucena.

Chegou por Suez o segundo commandante da fragata *D. Fernando*, a qual ficara em Mossambique a arranjar guindolas para seguir para Gôa na mansão de agosto.

Tenho noticias circumstanciadas do sinistro da fragata. Creio que a seguinte carta é bastante curiosa (1)

Pelo ministerio da marinha sei que já se expediram as convenientes ordens afim da fragata ir a Bombaim para ali ser concertada. Tambem se pediu auctorisação ao governo inglez, para a fragata poder entrar no arsenal de Bombaim.

Parece que o pretexto que dá o governo hespanhol para ter nas praças de Badajoz Olivença e Albuquerque os seis mil homens armados, de que fallei na minha ultima correspondencia, é o termos nós exercicios militares no campo de Vendas Novas. As nossas pequenas forças que estão ali para estudo intimidaram os nossos visinhos. Quem quizer, que o acredite, eu não.

A exposição districtal de Lisboa de gados no corrente anno ha de effectuar-se no dia 8 de setembro proximo. São admittidos os gados cavalhar, muar, asinino, bovino, ovino, e suino, nacionaes ou estrangeiros; só podem porem ser premeados os gados nados e creados em territorio portuguez. Podem todavia ser premiados os gados estrangeiros que tiverem sido creados no paiz desde a idade de 2 annos sendo cavallar, um anno, sendo muar, asinino ou vaccum. Não serão admittidos animaes antes das idades seguintes, 3 annos cavallar; — 2 e meio muar, asinino ou bovino; — 1 ovino ou suino. Os premios serão:

Cavallar ou muar — 1.º pr.º 60\$000 rs. — 2.º — 40\$000 — 3.º — 25\$000
Asinino — 1.º — 20\$000; — 2.º — 12\$000 — 3.º — 10\$000
Vaccum — 1.º — 40\$000; — 2.º — 20\$000 — 3.º — 15\$000
Lanigero — 1.º 20\$000; — 2.º 10\$000 — 3.º — 5\$000
Suino — 1.º 10\$000; — 2.º 6\$000 — 3.º — 3\$000

A associação central de agricultura portugueza ha de reunir-se no proximo domingo em assembléa geral para discutir a questão dos cereaes. Para essa importante sessão são convidados os lavradores e proprietarios. Deve ser uma discussão curiosa e util.

No dia 8 de junho deste anno falleceu em Loanda D. Joanna Judicibus, viuva de D. Fran-

(1) Por falta de espaço omittimos esta carta, que daremos no numero immediato.

cisco de Judicibus, a qual fora degredada pelo celebre crime de moeda falsa. De tão desgraçada familia só restam as fillias, que são formosissimas senhoras, e se acham recolhidas em um convento.

Foi nomeado professor proprietario das cadeiras de oratoria, poetica e litteratura e de historia, chronologica e geographia, de lyceu de Vizeu, o sr. José Maria de Sousa Macedo.

Foi creada no lyceu de Portalegre a cadeira de principios de physica, chymica e introdução á historia natural, para ser lida em curso biennial, com a de mathematica elementar. Determinou-se que ao professor do mesmo lyceu, Antonio José Marinho da Cruz fiquem pertencendo as cadeiras de philosophia racional, e moral, e principios de direito natural, e de oratoria, poetica e litteratura em curso biennial; e ao professor José da Cunha e Silva, a de historia, chronologia, e geographia em curso annual.

Perante o vigario geral do bispado de Castello-Branco, se acha aberto concurso pelo prazo de 30 dias a contar de 3 do corrente para o provimento da igreja parochial de S. Miguel do Rio Torto, no concelho de Abrantes.

Pelo ministerio da guerra está aberto concurso para na conformidade do regulamento de 18 de junho de 1859 se proceder á escolha de um candidato que ha de preencher uma vagatura occorrida na classe dos aspirantes dos facultativos militares.

No dia 1.º de setembro proximo ha de começar o curso tachygraphico do corrente anno lectivo e terminar no dia 30 de novembro.

Para todos os effectos das leis de 4 de junho de 1859, e 27 de julho de 1855, é fixado no presente anno o prego médio das substituições dos recrutados para o exercito na quantia de cento e vinte e trez mil réis.

Em portaria de 7 do corrente foi ilogiada a commissão que se encarregou de promover uma subscrição na villa de Almada, a favor dos orphãos recolhidos nos asylos, que estiveram a cargo das irmãs de caridade, a qual commissão entregou no ministerio do reino a quantia de cento oitenta e dois mil quatrocentos e dez réis; producto da mesma subscrição.

No mez de maio ultimo falleceram no Rio de Janeiro noventa e dois subditos portuguezes.

No dia 13 de julho ultimo naufragou na praia Bolívia, perto de Tarifa, o hiate portuguez *Mathilde*, capitão, Sabino José Salgado, procedente de Almeria, com carga de esparto e chumbo, para Albufeira e Lisboa; salvando-se toda a tripulação, e havendo esperança de se salvar tambem a carga e o navio.

COMMERCIO

Mercado de Aveiro, em 8 de Agosto de 1862

Trigo por alqueire	820
Milho da terra	600
Dito do norte	—
Farinha de milho	740
Feijão branco	560
Dito amarello	500
Dito encarnado	460
Dito larangeiro	600
Dito frade amarello	380
Dito frade branco	400
Centeio	560
Cevada	300
Batata	240
Azeite almude	4:200
Sal moio de razas	3:000
Vinho almude	2:400

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 1 d'agosto

Entradas	
PORTO, Hiate port. Cruz 2.º m. J. da Rocha, 8 pes. de trip., vazio.	
VILLA DO CONDE, Hiate port. Esperança, m. F. A. Marques, 6 pes. de trip., vasio.	
Os hiates Fenix e Conceição Feliz, voltaram para dentro por ter refrescado o vento.	
Em 2	
PORTO, Raseca port. Carolina, m. J. A. de Pinho, 12 pes. de trip. 1 passageiro, vasio.	
Em 3	
MATTOZINHOS, Cahique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente, 6 pes. de trip., lastro.	
Sahidas em 4	
PORTO=Hiate port. Dois Irmãos, m. M. A. G. Netto, 7 pes. de trip., sal.	
IDEM=Hiate port. Conceição Feliz, m. F. d'Oliveira 7 pes. de trip., sal.	
IDEM=Hiate port. Fenix, m. J. Nunes, 7 pes. de trip., sal.	
VILLA DO CONDE=Hiate port. Deus Sobre tudo, m. J. S. Ré, 7 pes. de trip., sal.	
IDEM=Hiate port. Esperança, m. F. A. Marques 6 pes. de trip., sal.	
POVOA DO VARZIM=Hiate port. Novo Atravido, m. 5 pes. de trip., sal.	
Entradas em 6	
POVOA DE VARZIM=Hiate port. Noya União, m. J. F. Mano, 7 pes. de trip., vazio.	

ANNUNCIOS

Vicente Augusto d'Araujo Camisão, senado chamado, com urgencia, a Lisboa, não tem tempo d'ir agradecer algumas visitas em que está em falta, nem de se despedir dos seus amigos; por isso o faz pela imprensa, comprometendo-se a fazel-o pessoalmente logo que regressar a esta cidade.

Junta de Parochia da Freguezia de N. S. da Gloria desta cidade faz publico que no dia 10 do corrente, pelas 9 horas da manhã, ha de fazer vender em praça publica no Adro da mesma igreja dois paus de pinho, proprios para guindastes, do comprimento de 94 palmos cada um; e bem assim uma porção de coçoceiras, madeiras, pedra de alvenaria, e cordas, e mais objectos que sobraram da obra da torre.

Aveiro 5 de agosto de 1862.

(2)

Pelo cartorio do escrivão Nogueira vão á praça para serem arrematados na execução que João Alves Carnureiro, de Touraes, e Joaquim Vieira, do lugar da Costa, movem a Manuel Marques Abba-de, do mesmo lugar da Costa, no dia 24 do corrente ás 10 horas da manhã, no Tribunal, as propriedades seguintes:— metade de uma terra denominada a — Parada —, parte do nascente com os herdeiros de Antonio da Cruz Maio, e do poente com Joaquim da Cruz, avaliada em 35\$000 rs. — Metade de uma leira de terra sita nos Sergueiros, parte do norte com os orphãos de Feliciano Simões, e do sul com José Pedro, d'Arrancada, avaliada em 9\$600 rs. — Metade de um ribeiro, e pinhal no Valle do Pombo, parte do norte com o caminho publico, e do sul com Luiza Ramôa, avaliada em 12\$000 rs.

(3)

Quem quizer comprar vinho, ha em Sepins, centro da Bairrada, mais de 20 pipas tanto do branco como do tinto; tambem ha algumas de bom vinagre e aguardente.

4 A

Antonio Egidio Ferreira da Cunha tem para vender grande porção de barrotes de 12 e 15 palmos, travetas do 20 a 30 ditos, tudo de pinho, e madeira de freixo, e platano já cerrada, para diversas obras.

(5 A)

Pela direcção das obras publicas, do districto d'Aveiro, se faz publico, que se pertende contractar o fornecimento de 550 m. c. de pedra britada ou por britar, postos no largo do desembareadouro do Boco. As propostas para este fornecimento devem ser dirigidas á direcção até ao dia 10 do proximo mez d'Agosto. Na secretaria em Aveiro dar-se-hão todos os esclarecimentos relativos ao mesmo fornecimento.

Aveiro 22 de julho de 1862.

Silverio Augusto P. da Silva.

Engenheiro Director. (6 B)

BANCO UNIÃO

O banco União tem para vender inscrições e coupons d'assentamento pelos preços correntes.

A agencia nesta cidade, Rua dos Mercadores n.º 15, encarrega-se de as mandar vir, assim como de as fazer averbar em Lisboa em nome do comprador.

7 A

THEATRO THALIA

EM AVEIRO

Domingo 10 do corrente

A companhia dramatica lisbonense sob a direcção dos actores Macedo e Mendes Leal (Antonio) levará á scena o seguinte espectáculo:

A CONDEÇA DE SANNECEY

Drama familiar de Scille em 3 actos

A CORDA SENSIVEL

Do sr. Mendes Leal (Antonio)

Comedia ornado de musica em 1 acto.

Principiará ás 8 horas e 3/4.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.

Annuncios
1 - 2 linka a 20 = 160
2 - 12 " " = 240
3 - 20 " " = 400
4 - 10 " " = 100